

TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES Entre os condomínios fechados e a cidade

*TERRITORY OF SUBJECTIVITIES
Between gated communities and the city*

Carolina Magalhães Falcão¹ e Eduardo Rocha²

Resumo

O estudo³ parte do questionamento sobre como é morar na contemporaneidade. A pesquisa percorreu uma linha imaginário-afetuosa, espiando as frestas nos muros e vislumbrando a cidade. O objetivo foi observar o cotidiano dos moradores de um condomínio fechado, na cidade de Pelotas, sul do RS e, entender como esses indivíduos adaptaram suas vidas dentro do desenho sempre igual (ou praticamente igual) oferecido pelo projeto e de que forma isso impactou em suas relações com o entorno imediato e com a cidade extramuros. Através de uma metodologia cartográfica buscou-se entender os fenômenos que ocorrem sempre relacionando-os com a cidade. Ao confrontar as teorias urbanas e a prática das moradias, chegou-se a conclusões (in) esperadas no estudo em suas diferentes escalas: casa, muros e relação com a cidade. Palavras-chave: urbanismo contemporâneo, condomínio fechado, cartografia, território, desenvolvimento urbano.

Abstract

The study starts from the questioning of what it is like to live in contemporaneity. The research followed an affectionate-imaginary line, peeking at the cracks in the walls and catching a glimpse of the city. The objective was to observe the daily life of residents of a closed condominium in the city of Pelotas, southern RS and understand how these individuals adapted their lives within the always equal (or practically equal) design offered by the project and how this impacted on its relations with the immediate surroundings and with the city outside the walls. Through a cartographic methodology, we sought to understand the phenomena that occur always relating them to the city. When confronting urban theories and housing practice, (un)expected conclusions were reached in the study at its different scales: house, walls and relationship with the city.

Keywords: contemporary urbanism, gated community, cartography, territory, urban development.

¹ Arquiteta e Urbanista (CAU/UCPel/2005), Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel, 2016), Especialista em Neurociência aplicada à Arquitetura (IPOG-RS, 2021) e doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/UFPel, em andamento).

²Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel, 1997), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel, 1999), Mestre em Educação (FaE/UFPel, 2003), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2010) e Pós-Doutor (Dipartimento di Architettura/Laboratorio Circo/Stalker, Università Roma Tre, 2019).

³ Artigo parte da dissertação de mestrado: FALCÃO, Carolina Cabreira Magalhães. *Casa: território de subjetividades. Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados*. Pelotas: PROGRAU, 2016. (Dissertação de mestrado).



Figura 1 - Acesso, restrição, fiscalização – O portico de acesso ao Conjunto Residencial. Fonte: Carolina Falcão, 2016.

Introdução

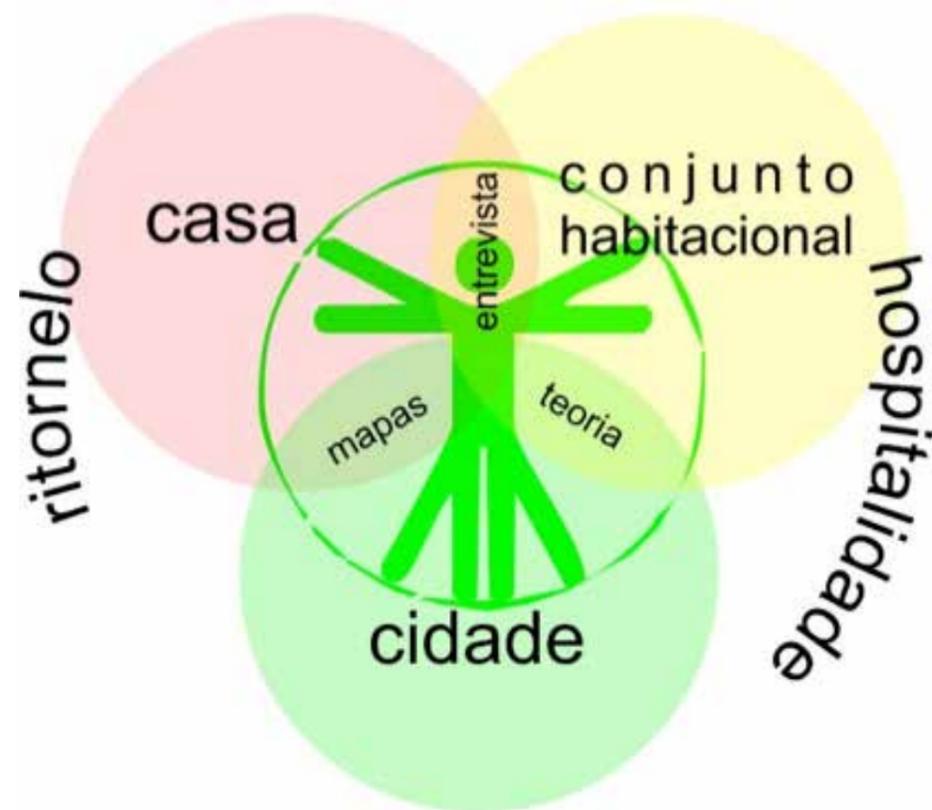
As subjetividades estão nas nuances, na simbiose entre arquitetura, cidade e a vida humana e, através do entendimento das experiências pessoais, das espontaneidades e originalidades de cada indivíduo, de cada relação com suas moradias e suas formas de morar. Desafiando assim, as realidades de projetar, pensar, criar invólucros para diferentes realidades. Morar é uma necessidade individual e muito particular para cada pessoa, tem-se uma carga de desejos, de sonhos e bagagens, que precisam estar abrigadas nesse morar.

Morar não é apenas se colocar em um abrigo material, é muito mais. Morar é um estado complexo de sensações em que a cada um traz seus simbolismos, seus cruzamentos e costuras. Não podemos mais pensar somente na casa, sem pensar a cidade ou pensar a cidade sem olhar para as pessoas. A diversidade de contextos se difunde por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social. Partimos em um percurso que vai do real para o abstrato, da rigidez formal da arquitetura e do urbanismo, neste recorte, nos condomínios fechados alçando voo aos conceitos que extrapolam o concreto, dotados de significados, ou seja, ressignificar a arquitetura através das pessoas, através das complexidades e poéticas de cada lugar.

A potência do conceito de ritornelo em Deleuze e Guattari (2012), está em dizer-se que “O grande ritornelo se ergue à medida que nos afastamos de casa, mesmo que seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhecerá mais quando voltarmos.” (2012 p. 139). Portanto, o ritornelo vai existir na coexistência da tríade **desterritorializar** – procurar um novo lugar, sair do seu território de origem [PARTIR]; **territorializar** – tomar consciência de um território – território aqui é lugar de passagem, transitório, varia de acordo com os agenciamentos que são instaurados a cada nova necessidade; **reterritorializar** – retornar a sua origem, dar novo sentido ao seu território. Para tanto, esse conceito vai dar força para o que aqui será tratado. Onde a partir de um território – de casa, para se chegar ao “em casa” foi necessário passar por essas três etapas de movimento. Sair – reconhecer – [CHEGAR].

Neste chegar, nos deparamos com a hospitalidade (DERRIDA, 2004) nesse deslocamento dos corpos, por uma outra ótica, a partir desta essência – humana – que será possível descrever quando e o quanto uma casa, uma morada será ou não hospitaleira. Quando e quanto será acolhedora, será lugar ou não lugar.

Figura 2 - Diagrama esquemático das camadas que nortearam o estudo. Fonte: Carolina Falcão, 2016.



Buscando assim os limites, vamos apresentar o caso de um Conjunto Habitacional, gestado dentro do Programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal, verificando quais relações influenciam a cidade, de acordo com as formas de morar de cada indivíduo, de acordo com a sua forma espontânea e original de autoconstruir, de adaptar o construído e de se relacionar com o seu território.

Todavia, o que se vê predominantemente é este receptáculo – a casa – como algo que comporta e suporta os acontecimentos do cotidiano. Transformar o que é concreto (arquitetura) em texto, descrever as suas formas, separando (ou não) o que é espacial do que é subjetivo, como algo que vai abrigar as pessoas e todas as suas formas de significar.

Casa: território de subjetividades

A palavra “casa” pode sugerir, inicialmente, uma construção cujos espaços servem para atender à necessidade de abrigo que se pressupõe ser de todos os indivíduos. Essa realidade física está longe de esgotar a amplitude do conceito naquilo de abstrato, de subjetivo, e até mesmo de concreto que ele envolve. Além de abrigo físico, no que consiste a ideia de casa? E a porta? Esse elemento de comunicação, participação direta entre o público e o privado, enquanto pela janela somente observa a vida pública. A janela são os olhos da rua (JACOBS, 2011), nos torna observadores, mas não atores, as portas nos convidam adentrar as subjetividades da vida.

Entender a cidade, suas formas de morar através da ótica da pessoa, permitindo assim fazer uma leitura do espaço urbano contemporâneo a partir das vivências cotidianas de cada indivíduo com a cidade. O que precede a esta ideia é o propósito da contemporaneidade, não é saber como pesquisar um grande grupo, mas saber que se pode entender um grande agrupamento através de aspectos da vida social contemporânea. Trata-se de uma investigação dos limites entre campos do conhecimento (filosofia e arquitetura) em processo de fusão.

Essa reflexão opera em três camadas: em um primeiro, entender o habitar doméstico, adentrar nas casas e entender suas dinâmicas, buscando entender como a vida



Figura 3 - Resquícios de uma noite infantil. Fonte: Carolina Falcão, 2016.

tão complexa se adapta de formas tão diversas dentro das mesmas conformações impostas pela arquitetura do local. Uma segunda camada, questiona como as formas de morar extrapolam os limites das portas, ou seja, como esses habitantes reconhecem o território – intramuros – que os cerca, como se integram, como vivem. E por fim, quando cruzam os limites territoriais dos muros, como se relacionam e reconhecem a cidade: extramuros.

A ilusão da casa

Alguns objetivos mais específicos foram elencados para que se construa um mapa desse complexo de subjetividades. Entender as dinâmicas, as adaptações e as particularidades que em cada unidade habitacional se configurou a partir do momento da habitação destas. Como são as relações com a casa, com o exterior, como se integram ao conjunto, como se identificam dentro de uma rigidez de padrões.

Complementarmente, faz-se necessário desvendar os diferentes tipos de famílias que habitam as células de morar e se relacionam com a cidade, o bairro, o entorno e a vizinhança. Com base nos dados do IBGE⁴ as famílias são classificadas em 4 agrupamentos, sendo eles: Família Unipessoal, Casal com filhos, Casal sem filhos, Mulher sem cônjuge e com filhos, ainda que consideremos que estes dados são engessados e, por certo, não abarcam algumas parcelas da população, mas por ser tratar um dado concreto é que vamos nos apoderar dele para partir em nossas descobertas. A habitação é um fenômeno heterogêneo que envolve três ordens, que podemos caracterizar da seguinte forma, para melhor classificar as etapas deste trabalho:

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Fonte para a obtenção dos dados relacionados aos “tipos de família”, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios entre os anos de 2001 a 2009.

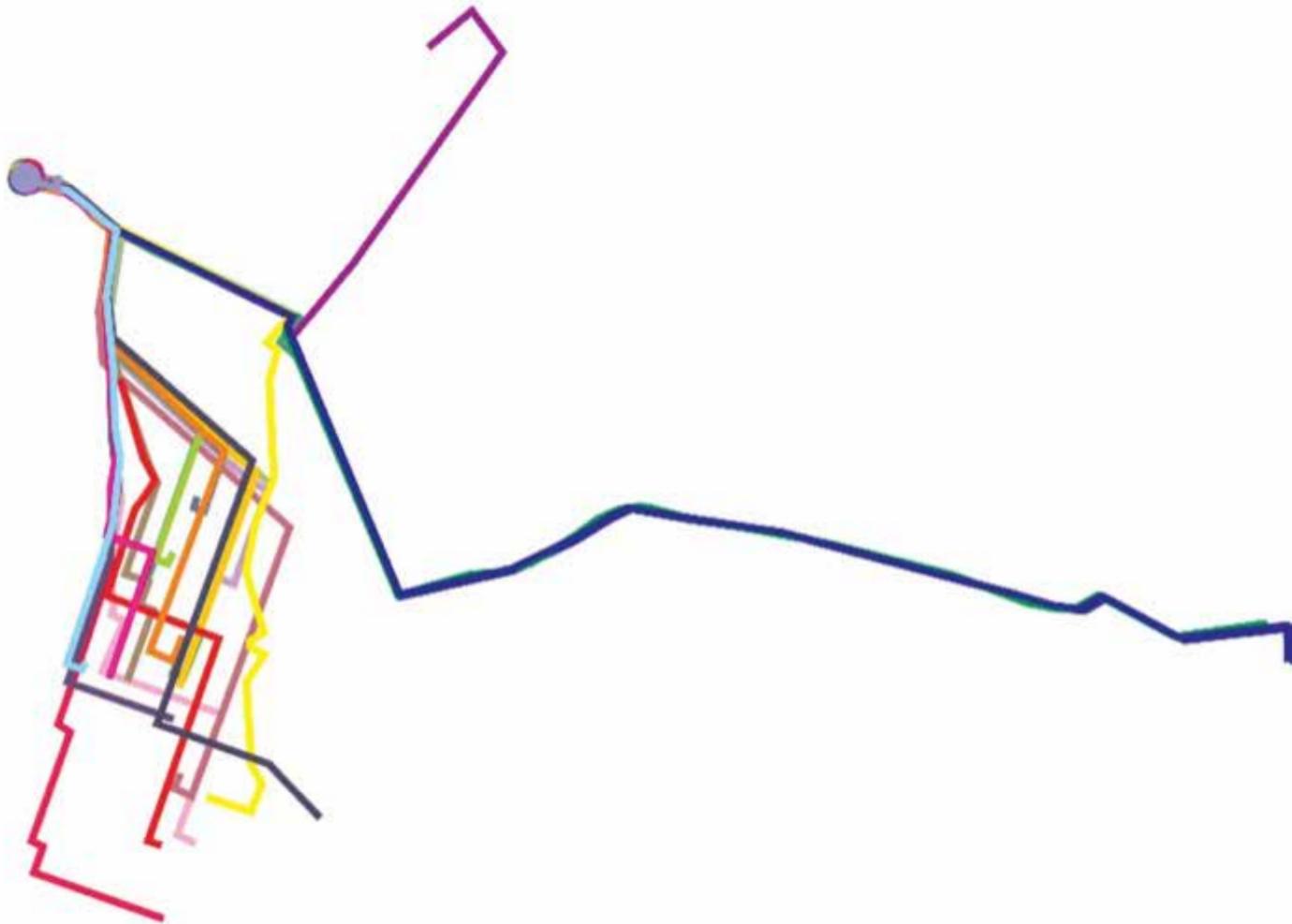


Figura 4 - Mapa esquemático dos percursos, partindo do condomínio e percorrendo a cidade. Fonte: Carolina Falcão, 2016.

1. Elemento base: a Casa, cenário de todos os devires;
2. O habitante: Peça principal – reconhecer a arquitetura através da leitura das pessoas que vivem neste local, como se reconhecem, como se adaptam;
3. O percurso: Como é o cotidiano desses habitantes, como se relacionam com suas casas, com os muros e com a cidade que existe além dos muros.

Levar em conta que a construção de territórios de sensibilidade passa por: desejo de saber como, modos de conhecimento, práticas que interagem com o sujeito, tanto pela evocação memorial que conforta os sentidos quanto pela continuidade mais intensa de um corpo com as práticas e condições espaciais que o cercam, considerando-se muito mais do que aquilo que se vê ou descreve.

A metodologia adotada para isso foi a cartográfica, a partir do acompanhamento de processos cotidianos e modos de viver e morar. O pesquisar é sempre, de certa forma, um relato de uma viagem, onde um sujeito através dos anseios de seu olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de novo? Tudo de novo, a pesquisa cartográfica é, portanto, um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade, a partir da experiência e da apropriação que o pesquisador- cartógrafo se permite nesse olhar.

Cartografar é sempre a busca pela capacidade de composição de um ambiente, lugar, território existencial através da inserção ou imersão. É menos descrição de estados de coisas, é um mergulho na experiência. O desafio do cartógrafo é esse entrelaçar-se com o objeto de seu estudo. É deixar-se aberto aos encontros que vão ocorrer. É o encontrar-se com surpresas. Descartar a busca pela informação e perder-se nas

entrelinhas. Não significando uma atitude de relaxamento ou falta de controle sob o objeto estudado.

Princípio de cartografia: O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para a sua abertura máxima sobre um plano de consistência. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 109).

É sempre um movimento singular e provisório. É o tecer de uma rede, com linhas que são tramadas daqui e dali e que se tecem no próprio acontecer do cotidiano.

Não existe cartografia sem o contato direto com o objeto pesquisado, para tanto os procedimentos metodológicos adotados para que fosse possível cartografar o objeto / condomínio/ cidade, inicialmente a opção foi por sistema de redes de indicação para a escolha dos entrevistados, ou seja, construir uma rede para reunir as informações a respeito do segmento que possa mapear o campo investigado. A partir da indicação de um próximo ponto, de um novo contato, através dos inter-relacionamentos, foi-se tecendo a malha de *affectos* para compor esse vasto território subjetivo. A escolha esteve vinculada diretamente ao contato anterior, as pessoas indicadas sugeriram outras pessoas e, assim sucessivamente, abrindo as frestas para que a pesquisadora pudesse adentrar nas indefinições dos contornos íntimos das casas e das vidas, por esse pequeno instante no tempo-espaço.

Esta metodologia foi aplicada com o intuito de através das indicações dos moradores do conjunto habitacional Terra Nova, fosse mais potente as informações fornecidas, uma vez que eles estão inseridos completamente nesse local, enquanto a pesquisadora, por mais que adentre neste espaço, não está completamente inserida e, quase sempre terá uma visão de alguém que observa.

O material humano e gráfico que se produziu em entrevistas, foi rico para se compreender as rotinas e tipos de família que ali se agrupam. Nestas entrevistas foram construídos mapas em três escalas. Uma primeira interna, onde os entrevistados indicavam em plantas baixas qual o seu modelo de casa e quais as alterações que haviam realizado, para identificar assim, as intervenções e como estes foram adaptados à realidade de cada família. Num segundo mapa, na escala interna do condomínio, seus percursos para a realização de atividades cotidianas ou apenas para indicar as áreas que frequentavam dentro dos limites dos muros.

E ampliando a escala, em um mapa da cidade foi solicitado que marcassem seus principais deslocamentos, para que através dele fosse possível identificar as rotinas, suas distâncias percorridas para chegar às suas atividades. A questão era entender as adaptações do morar distante de suas atividades ou se habitam este local pelos atrativos do lugar.

Fazendo a sobreposição destes aspectos foi possível visualizar as formas de morar e suas relações com a cidade, a partir de suas histórias de vida e características que vão formar cada uma das células de morar.

O território sensível dos moradores do Condomínio ultrapassa as unidades habitacionais, percorre as ruas internas do condomínio e invade a cidade. Através das entrevistas, podem-se entender essas relações, as observações por vezes concretas de suas casas, de suas relações com o entorno e vizinhança e, ainda seus percursos com a cidade. No grupo de entrevistados foi quase que unânime as indicações de deslocamentos para o centro da cidade ou outros bairros, diariamente, para desempenhar suas atividades.



Quais as motivações que os faça optar por morar tão longe de suas atividades e, nas mesmas perguntas essas respostas são sanadas pela afirmação simples e constante de que *“Aqui é um lugar para se viver. Lugar para se viver bem”* (afirmação de um dos entrevistados).

Coletar as memórias e adentrar as casas, cartografar os processos, entender as dinâmicas e permear através das entranhas íntimas dos territórios subjetivos. Não foi simples a tarefa de adentrar as casas, a percepção inicial de que para responder a um grupo de perguntas seria necessário abrir por algum tempo a intimidade da sua casa, as pessoas, muitas delas, recuaram e aqui se criou um ponto de ruptura e principal empecilho para dificultar a conclusão desta etapa.

Para o pesquisador cartógrafo a amostragem não tem o cunho de chegar a uma verdade absoluta, tem sim, a busca pela possibilidade de entender as dinâmicas. Diversidade de percursos, algumas semelhanças. Questões que pulsam para qualquer pessoa fora dos muros do condomínio são as mesmas que ali dentro, naquele ritornelo, organizado e diagramado de sensações: busca por segurança, por um local para se viver limpo e ordenado foram os pontos mais citados pelos entrevistados.

Com as informações compiladas, para observar esses percursos, fez-se uma sobreposição dessas linhas, onde se pode observar que a maioria dos entrevistados percorre grandes deslocamentos diariamente.

Pessoas confinadas no mesmo espaço, percorrem o mesmo trajeto para sair de casa e, assim, se dirigir aos seus diferentes destinos. Como responder ao porquê desses deslocamentos? Algumas questões podem ser elencadas: infraestrutura da cidade, planejamento do sistema de vias, entendimento da necessidade de centros de bairros equipados com serviços e trabalhos mais diversos? Ou a necessidade de um lugar para se morar, que atenda outras necessidades que não a proximidade com as rotinas diárias, na maioria das vezes, supri as outras demandas? O apelo constante ao uso do carro, devido à falta de diversidade de usos na área interna e, externamente, foram apontados alguns serviços, porém distantes, fazendo com que se faça sempre necessário utilizar veículo para as mais simples tarefas do cotidiano.



Para se chegar mais próximo do complexo de sensações, adentrar na subjetividade das casas, a cartografia nos convida a adentrar no cotidiano das casas. Olhar nos olhos, atravessar as portas e contemplar a sensibilidade de identificar características, afectos e defeitos.

A sensação de ser um invasor, um estrangeiro em terra proibida foi uma sensação que permeou esse processo. Parece que ao permitir entrar em suas casas, cada pessoa se vê nua, despida de suas certezas e, no íntimo do seu cosmos, no seu abrigo, no aconchego (ou não daquele espaço), se mostra realmente.

A reflexão final volta sua visão aos três planos, as três camadas que inicialmente se propôs entender. Na sobreposição de planos, no entrelaçamento das relações: casa, muros e cidade. Ao cruzar o referencial teórico e a vida cotidiana, viu-se que algo que academicamente está inserido em nós, pelo nosso campo de visão, segue tendo sua verdade, que nunca poderá ser absoluta. A academia precisa sair das suas salas e tomar cada vez mais as ruas. Aproveitar a imensidão de cenários que a cidade nos oferece para que a vida aconteça diariamente.

Em uma primeira indagação, onde se buscou entender o habitar doméstico, entender quais as motivações que levam as pessoas a escolher morar num condomínio fechado, na simplicidade da vida, a tranquilidade de sentir-se abrigado. A complexidade de vidas agrupadas ali, talvez a pequena fresta que se vislumbrou ainda seja apenas uma fresta, um ponto, um furo. Somos seres adaptáveis. A boa ou má arquitetura é algo tão subjetivo muitas vezes que rompe os muros e se adapta as necessidades da vida. E ao abrir as portas de suas casas, olhar para uma paisagem, como esses habitantes reconhecem o território – entre muros – que os cerca, como se integram, como vivem conforme os mapas pudemos perceber que muitos não se utilizam dos espaços que muito provavelmente foram fatores potentes na hora da escolha por ali morar.

E por fim, quando cruzam os limites territoriais dos muros, como se relacionam e reconhecem a cidade. Quando saem pela cancela, vigiada, controlada, pela única fresta no muro da cidade medieval contemporânea, os moradores se enfileiram em seus carros e percorrem pela cidade. Muitos trajetos de carro, pouco caminhar. Muitas distâncias a percorrer, muito tempo dentro dos carros.



Estranho pensar que para nos sentirmos aconchegados, tranquilos, sossegados e contemplar o pôr do sol, a piscina ou a pequena árvore são necessárias tantas caixas-refúgio para nos conter. A subjetividade que assim vive, está abrigada nas paredes de concreto, nos muros, na vida vigiada.

O resultado principal que este trabalho produziu é uma cartografia que busca construir subsídios para o entendimento sobre o morar, a cidade e a vida. Por vezes um desacomodar nas premissas teóricas da arquitetura e do urbanístico, buscando entender que vão sempre necessitar de embasamento nas e para as pessoas, ou seja, onde o sentido de produzir arquitetura não esteja no espaço – cidade, ou na própria arquitetura, mas sim nas pessoas, nas suas ligações afetivas, e suas relações com o que as cerca.

Pensar arquitetura de uma maneira mais subjetiva, sem perdemos tudo o que é concreto no ato de morar. Seja uma casa com apenas quartos, pois ali vivem somente pessoas que necessitam apenas desta casa para dormir, ou uma casa italiana, com uma cozinha e uma sala conjuntas, pois tudo se resolve à volta do fogão, isso precisa estar no DNA dos arquitetos. Uma casa não é um somatório de linhas, com lugares estabelecidos, que depois viram tijolos e areia e está feito. Não é somente o cenário para preencher as páginas das revistas, para que tenha sentido é preciso de gente. Uma casa é feita de vida! É preciso que alguém habite, deixe os sapatos na entrada, a cama desarrumada, molhe as plantas, perfume todos os cômodos com o cheiro do café passando. É necessário que se pense que alguém vai dormir e acordar ali, que as paredes vão segurar quadros e memórias, que cada casa tem e terá a sua identidade e história.

É potente a necessidade de preocupação com a morfologia espontânea da cidade. A cidade não pode viver circundada por muros. A sua função é propiciar as pessoas espaços para a vida se desenvolver, mas cada pessoa tem o dever de ser protagonista desta cidade, de ser parte das lições aprendidas neste imenso laboratório de erros e acertos. Que só existe, pois, a cidade não para de se transformar, não para de se refazer e desfazer.

As mudanças ocorrem infinitamente, muitas vezes sem regras pré-estabelecidas. A forma de morar e de viver vai sendo refeita a cada dia; a casa até o século XVIII era um espaço indiferenciado. Existiam peças: nelas se dormia, se comia, se recebia, pouco importava. Depois, pouco a pouco o espaço foi se especificando e tornam-se funcional. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, deve sim ser um espaço capaz de ser mensurado, refletido e útil. Capaz de ser um espaço vívido. Deve a imaginação estar descrita no modo de morar que cada um possui, diferente, autêntico e único, assim como a identidade.

[In]conclusões

Assim sendo, o que se propôs aqui foi levar as pessoas a (re)descobrir novas formas de olhar e apreciar seu lugar, uma maneira de estimular entre os mesmos atitudes que contribuam para o seu desenvolvimento de forma sustentável, reconhecendo seu território e sendo protagonista nele. A tarefa fundamental de todos aqueles que pretendem tecnicamente intervir é na cidade é voltar seu olhar para as pessoas, ouvi-las, reconhecer-se como hóspede em seus territórios. Deixar-se desterritorializar das teorias, das premissas e dos pré-conceitos pois, somente assim, tem-se a real oportunidade de ações e responsabilidades compartilhadas, valores que devem ser cada vez mais assumidos e discutido frente às novas perspectivas, colocadas pelo contexto atual.

Cada célula de morar é capaz de gerar e gestar seus cenários e itinerários particulares. E esta diversidade de individualidades é o que forma a sociedade. A expectativa é pensar arquitetura de uma maneira mais abstrata como a filosofia, sem perdemos tudo o que é concreto no ato de morar. O que se buscou foi entender as relações pessoa-ambiente como subsídio para a prática projetual.

Esta proposta de investigação teve como objeto um projeto da arquitetura contemporânea local e seu objetivo foi avaliar em que medida estes projetos de fato atendem aos princípios de uma boa arquitetura, no que concerne aos aspectos formais, funcionais, tecnológicos e paisagísticos, considerados segundo o meio físico e sociocultural em que estão inseridos, a partir da ótica de seus usuários.

E ao tentar responder as indagações dessa pesquisa, uma arquiteta, urbanista, cartógrafa, com sua bagagem, seus referências, tentando melhor entender a cidades, através das pessoas e suas formas de morar, foi barrada pelos muros.

Seria no espaço, não no espaço predeterminado, mas nos “entres”, nos espaços livres de preconfigurações que viveríamos esses “momentos de invenção” e criaríamos condição para o *devenir autre*, indo além dos limites impostos pelo “natural”, pela história construída por discursos dominantes (GUATELLI, 2012, p. 32).

Os muros não só do condomínio, não somente das pessoas que não abriram suas casas, mas com diversos muros imperceptíveis. Mas a cartografia, nos transforma, nos provoca a ultrapassar nossos próprios muros e, assim perceber que o que academicamente parecia errôneo, descobriu-se que essas cidades medievais contemporâneas são para muitas pessoas o aconchego de um lar, o seu cosmos, seu espaço neste mundo tão diverso que vivemos na contemporaneidade.

Embora a proposta inicial desta pesquisa fosse o embasamento crítico desses locais, o que se pode observar foi que para os usuários, embora as dificuldades de locomoção, o tempo gasto no trânsito e todas as críticas que a academia e essa pesquisadora

possam tecer sobre estes lugares, para quem vive em um condomínio fechado, diariamente este é um bom lugar. Pela segurança, pela tranquilidade nas ruas internas, que recordam muitas ruas de seus bairros de infância, com crianças brincando, com cadeiras na calçada. O cotidiano, a vida real ali ultrapassa as teorias. E assim, entender que não vale apenas o estado da arte, as teorias, mas sempre será de grande valia olhar para as pessoas, para quem ocupa, utiliza e dá vida para a arquitetura e para a cidade, seja ela dentro ou fora dos muros.

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, deve sim ser um espaço capaz de ser mensurado, refletido e útil. Capaz de ser um espaço vívido. Deve a imaginação estar descrita no modo de morar que cada um possui, diferente, autêntico e único, assim como a identidade.

A casa sonhada deve ser tudo: uma moradia, um ninho, um cosmos, uma roupa. A casa é um estado de alma, como comprovam os testes psicológicos: quando a criança desenha a fumaça saindo da chaminé, é que existe calor em seu interior. Quando a casa abriga felicidade, a fumaça brinca acima do telhado. Se não acolhe, o desenho entrega a marca das angústias do desenhista: as construções são estreitas, frias e fechadas. Elas trazem a rigidez e imobilidade. As árvores ao redor são retas – estão vigiando a casa. Uma casa viva não é imóvel: existe um movimento no caminho que conduz à porta.

Então é preciso retornar a jiboia do Pequeno Príncipe e projetar – pensar – discutir a cidade e o morar como alguém que é capaz de ver além da moldura. Alguém que entende que dentro de uma jiboia existe um elefante e, não somente ver a capa exterior, ver somente o chapéu que muitas vezes, a vida nos apresenta.

Desta forma devem criar os arquitetos, na certeza de não ser o protagonista da vida, mas sim àquele que monta o cenário para que a vida aconteça. Àquele que coloca as prateleiras, para que a vida se encarregue de guardar ali seus livros.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 4*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação, 2003.

EXUPERY, Saint. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FALCÃO, Carolina Cabreira Magalhães. *Casa: território de subjetividades. Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados*. Pelotas: PROGRAU, 2016. (Dissertação de mestrado).

GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac, 2012.

JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.